



Zapatismo e Ciberativismo: a busca de uma conexão perdida¹

Dr. Francisco J. Paoliello PIMENTA²

Ana Paula Avellar RIVELLO³

Faculdade de Comunicação – Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora - Minas Gerais

Resumo

Os resultados deste trabalho inserem-se nos esforços realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunicação e Tecnologias da UFJF, em linha dedicada ao tema Ciberativismo na Iberoamérica: do despertar em Chiapas aos movimentos urbanos em Barcelona e Madrid. Neste caso, buscou-se investigar como o Exército Zapatista de Libertação Nacional-EZLN vem utilizando a Internet em seu esforço de organizar movimentos sociais relacionados ao movimento indígena de Chiapas e contra o neoliberalismo. Como conclusão parcial, aponta para a perda de conexão entre o Zapatismo e o aproveitamento das possibilidades abertas pela rede digital de computadores e pela linguagem hipermídia.

Palavras-chave

Ciberativismo; Zapatismo; Cidadania; Semiótica

Introdução

Os resultados deste trabalho inserem-se nos esforços realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunicação e Tecnologias, em linha de investigação composta por professores e alunos de Mestrado e de Iniciação Científica da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora em torno do tema Ciberativismo na Iberoamérica: do despertar em Chiapas aos movimentos urbanos em Barcelona e Madrid. O objetivo geral da pesquisa é o de sugerir formas de melhor aproveitamento dos recursos hipermídia pelos ciberativistas iberoamericanos em seu projeto de globalização alternativa.

O estudo do ciberativismo justifica-se por constituir² um conjunto de práticas dentro da relevante esfera das tecnologias digitais da comunicação e por apresentar graves limitações na compreensão de suas possibilidades, de acordo com nossas pesquisas anteriores (Pimenta, 2006). A delimitação geográfica atende a uma carência

¹ Trabalho apresentado no NP – Comunicação para a Cidadania, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Associado II Facom/UFJF e PPGCom/UFJF, email: paoliello@acessa.com

³ Bolsista de Iniciação Científica BIC - Facom/UFJF, email: anarivello@yahoo.com.br



de estudos sobre o tema no âmbito da Iberoamérica e, ainda, permite a análise de soluções encontradas em regiões socialmente mais avançadas, com possíveis impactos sobre o Brasil. Por fim, pode vir a gerar contribuições para a área em vista das potencialidades do enfoque semiótico a ser adotado. À questão colocada, ou seja, “como os ciberativistas iberoamericanos podem utilizar as possibilidades da linguagem hipermídia no atual contexto de intensos reordenamentos tecnológicos e sociais”, apresentam-se as seguintes hipóteses:

1. O ciberativismo iberoamericano apresenta a tendência de articular os diversos códigos que compõem a linguagem hipermídia no sentido da construção de plataformas imersivas;
2. O ciberativismo iberoamericano utiliza a comunicação intermediada por computadores como estímulo para relacionamentos existenciais no espaço urbano e não como plataforma para interações de caráter meramente digital;
3. A organização em redes por parte dos ciberativistas iberoamericanos amplia a autoconsciência de seus processos sógnicos, predispondo a mudanças de hábitos de sentimento, de ação e do pensamento.

No caso específico deste estudo buscou-se investigar como o Exército Zapatista de Libertação Nacional-EZLN vem utilizando a Internet em seu esforço de organizar movimentos sociais relacionados ao movimento indígena de Chiapas e contra o neoliberalismo.

EZLN: uma outra revolução

O Exército Zapatista de Libertação Nacional-EZLN surgiu em Chiapas, estado mais pobre do México, na região da Selva Lacandona⁴. Sua origem remonta à década de 50 do Século XX, quando indígenas sem-terra de várias etnias migraram para a região em busca de novas terras para uma agricultura de subsistência. Com apoio Estatal, latifundiários haviam expulsado as comunidades de seus antigos territórios para dar

⁴ A Selva Lacandona está situada numa região denominada de Montanhas do Oriente ou da Lacandona, que ocupa uma sexta parte da superfície de Chiapas. É a maior porção de floresta tropical úmida do México. Possui reservas de urânio e petróleo.



lugar à pecuária extensiva, causando um grande impacto nas propriedades coletivas, conhecidas como Ejidos⁵. (Ortiz, 1997, p.187)

O crescimento populacional das comunidades tzeltales, tzotziles, tojolabales, choles e zoques também incentivou o fluxo migratório para a porção mais oriental de Chiapas. Os migrantes se instalaram em lugares sem rede de esgoto, água encanada ou eletricidade. Porém, na década de 70, o bispo de San Cristóbal de las Casas, Dom Samuel Ruiz – adepto da Teologia da Libertação - criou a Rede de Catequistas e Comunidades Eclesiais de Base na Selva da Lacandona, que passou a substituir funções do Estado no atendimento das carências sociais. Em 1974, este trabalho desembocou no “Primeiro Congresso Indígena Frei Bartolomé de Las Casas”, ocasião em que mais de 1.000 delegados indígenas discutiram, durante quatro dias, problemas relacionados à má distribuição de terras, educação, comércio e saúde. (Ortiz, 1997,166)

No mesmo ano, o então presidente mexicano, Luiz Echeverría, decretou que mais de 20 mil camponeses deveriam se retirar dos cerca de 600 mil hectares da Selva Lacandona para dar lugar a um grupo de apenas 67 indígenas lacandones, uma etnia em extinção (Ortiz,1997: 169). A partir daí, a crescente insatisfação popular originou diversas organizações indígenas, como a “Unión de Ejidos Ach Quiptic ta Lecubtesel”, em 1975, a “Unión de Ejidos Tierra e Libertad”, em 1976, e a “Unión de Ejidos Luta Campesina”, em 1978. Data deste período a chegada à região de grupos políticos urbanos de orientação cubano-marxista. Entre eles estavam as “Fuerzas de Liberación Nacional–FLN”⁶ que, em união com comunidades indígenas, formou o seu braço armado, o EZLN, em novembro de 1983. (Ortiz, 2006, p.167).

O EZLN permaneceu escondido na selva por dez anos. Nesse período, o mundo assistiu à crise do socialismo real. A queda do muro de Berlim trazia a mensagem do triunfo do capitalismo e as ramificações urbanas da FLN se enfraqueceram. No entanto, o EZLN não parava de crescer. Para as comunidades que iam aderindo ao Exército Zapatista, a principal preocupação era formar uma força de autodefesa contra os paramilitares sustentados por fazendeiros ou contra o próprio governo mexicano. A frustração de uma reforma agrária nunca concretizada era muito mais relevante do que o fim do socialismo (Figueiredo, 2003: 330,331).

⁵ O Ejido é uma propriedade rural de uso coletivo. Antigamente essas terras não podiam ser vendidas, arrendadas ou hipotecadas. Mas, a partir de 1992, com a modificação do artigo 27 da Constituição, os Ejidos podem ser expropriados pelo Estado e vendidos à iniciativa privada.

⁶ As Forças de Libertação Nacional eram uma organização clandestina, com estratégia revolucionária clássica de tomada de poder para implantar um governo socialista. A FLN tinha células espalhadas por todo o México e pretendia organizar um exército que se preparasse para o momento em que houvesse condições para a revolução.



Com a crescente influência de líderes indígenas no EZLN, a orientação política do movimento se modificou. O discurso ortodoxo de esquerda revolucionária, aos poucos, foi se tornando mais ameno e inclinado aos valores democráticos e a prática política se tornou mais participativa. A busca da auto-gestão das comunidades e a recusa em centralizar o poder se tornaram as marcas do EZLN. Assim, em 1994, quando o Exército Zapatista decide invadir sete cidades do estado de Chiapas - Ocosingo, Altamirano, Las Margaritas, Chanal, Oxchuc, Huixtán e San Cristóbal de Las Casas - com 4.500 índios encapuzados, as demandas eram por direitos básicos, eleições não corruptas, e, no máximo, a renúncia do Presidente da República.

Os insurgentes ocuparam prefeituras, distribuíram comunicados e invadiram a maior rádio da região para divulgar os motivos do levante. Após 12 dias de combates contra o exército federal, com dezenas de mortes, foi negociada uma trégua e o presidente Salinas de Gotari encaminhou para o Congresso uma lei de anistia. A rebelião surpreendeu o País e o mundo, pois, embora a herança de Emiliano Zapata sempre tenha estado presente nas lutas políticas mexicanas, não havia registros de ações anteriores deste movimento em particular e não existia um contexto político nacional e internacional favorável para levantes armados.

No início da década de 90, eram poucos os focos de guerrilhas latino-americanas e o mundo presenciava a ascensão do neoliberalismo. Um clima de euforia predominava nos mercados financeiros, causado pelo crescimento econômico dos EUA, pelo fim da bipolaridade política e pela formação de blocos econômicos. O governo mexicano comemorava o início do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), que integraria as economias dos EUA, Canadá e México, quando houve o levante. Segundo o subcomandante Marcos, as ações armadas não foram gratuitamente coincidentes com a data da entrada em vigor do Nafta, pois a idéia era chamar a atenção de uma população esquecida para o que ele chamava de México Primeiro Mundista (Ortiz, 2006, p169).

O EZLN, ao mesmo tempo em que reclamava os direitos indígenas, buscava contextualizar sua luta dentro de um ambiente mais amplo de exclusão social, aprofundada pelo modelo econômico neoliberal. Dessa forma, se afinavam com o discurso dos movimentos de esquerda que surgiam ou se reestruturavam depois da crise do socialismo na União Soviética. A vitória estratégica dos zapatistas foi insistir que o que estava acontecendo em Chiapas não fosse visto como uma luta “estritamente” étnica, pois era tanto específica quanto universal. Fizeram isso nomeando claramente



seu inimigo, ou seja, o conjunto de políticas econômicas conhecidas como neoliberalismo. Marcos insistiu que a pobreza e o desespero em Chiapas eram, simplesmente, uma versão mais avançada do que acontecia no mundo todo (Klein, 2003: 281).

A empatia de valores entre o EZLN e outros movimentos sociais foi fundamental para a formação da identidade zapatista e para a construção de uma rede de solidariedade que auxiliou na comunicação entre os insurgentes, com a imprensa, a sociedade civil, organismos internacionais, e até com o governo mexicano. A Internet ocupou um papel central para a articulação entre simpatizantes que buscavam uma estratégia de ações para coibir a violência do exército mexicano. Ortiz destaca este início da articulação civil pela Internet para ajudar na solução do conflito:

(...) uma primeira ação conjunta via Internet surgiu a partir de denúncias sobre bombardeios da aviação mexicana sobre as comunidades indígenas, fato desmentido pelo governo. De todos os continentes eram enviadas mensagens de repúdio e pedidos para que o governo mexicano aceitasse um cessar-fogo e negociasse com o EZLN. Esta rede eletrônica de solidariedade entrou em ação muitas outras vezes (Ortiz, 2006: 42).

Depois de quase duas semanas de confronto, os números de fax e o e-mail da Presidência da República do México tinham recebido uma avalanche de mensagens pedindo a abertura de negociações (Ortiz, 2006: 43). No dia 12 de janeiro, cerca de 150 mil pessoas participaram de uma passeata nas ruas centrais da cidade do México para pedir o fim das hostilidades às comunidades indígenas. No mesmo dia, o Governo declarou cessar-fogo unilateral e iniciou o processo de diálogo com os insurgentes.

É importante destacar que, durante os primeiros anos em que os zapatistas tentaram estabelecer acordos que garantissem a segurança e direitos indígenas, observou-se uma série de ações direcionadas à ampliação da comunicação com a sociedade civil mexicana e com organizações internacionais. (Ortiz, 2006: 215). Em junho de 1994, o EZLN fez uma convocação para uma Convenção Nacional Democrática com representantes de todos os estados, organizada por comitês locais e regionais, e que fosse democrática na tomada de decisões, valendo-se de consultas nacionais. (Figueiredo, 2003: 253). Este chamado à organização da sociedade civil e à participação no movimento zapatista buscava mostrar que havia outra via, que não a armada.



Zapatismo: comunicação para a cidadania

O Zapatismo se desenvolveu numa sociedade marcada pelo controle das informações. Apesar disto, a cobertura midiática do levante acabou contribuindo para a promoção de uma consciência nacional contra uma solução armada (Delarbre, 1994: 369). Mesmo as empresas de comunicação ligadas ao governo, como a Televisa, tiveram de noticiar as reivindicações e tentativas de acordo de paz do EZLN, pois os demais meios estavam divulgando as informações. (Ortiz, 1997: 8-9)

Houve também um esforço de fazer a sociedade mexicana refletir sobre as funções e o poder dos meios de comunicação naquela ocasião. Os vetos que o subcomandante Marcos impunha a certos veículos e a postura favorável a outros, destinados a divulgarem suas mensagens, motivou tal reflexão. No início das negociações com o governo, em fevereiro 1994, por exemplo, o EZLN fez uma crítica a alguns meios no trecho de um comunicado que convidava a imprensa a cobrir o diálogo:

Portanto, o CCRI-CG do EZLN declara que toda a imprensa escrita, sem importar filiação política, partidária ou orientação ideológica, pode, por parte do EZLN, cobrir o evento do diálogo pela paz e a reconciliação. Quanto aos meios televisivos, o EZLN só vetaria a assistência das televisões privadas nacionais Televisa e Televisão Azteca. A primeira porque não necessita buscar notícias, pois as inventa e maquia a seu gosto e conveniência. A segunda porque seus repórteres têm demonstrado falta de profissionalismo ao oferecer dinheiro a nossos combatentes para que façam declarações. O restante dos meios televisivos nacionais e estrangeiros serão acreditados sem problemas pelo EZLN (www.ezln.org).

A história do México sempre foi repleta de episódios em que a imprensa havia sido refém da censura estatal e autocensura. O Partido Revolucionário Institucional (PRI) controlou o cenário político mexicano por 71 anos e instaurou a chamada “Ditadura perfeita”⁷, pois conseguiu eleger todos os presidentes de 1929 ao ano 2000, sem golpes, preservando as eleições e o pluripartidarismo. Contudo, as fraudes eleitorais eram frequentes, foram inúmeras as vezes em que os governos priístas reprimiram com violência os eleitores e utilizaram sua hegemonia para controlar os meios de comunicação, inviabilizando, por exemplo, condições equilibradas nos pleitos. Há uma relação direta entre falta de autonomia e liberdade de expressão na mídia e a manutenção do regime do PRI durante essas sete décadas.

⁷ A expressão foi utilizada pela primeira vez pelo romancista peruano Mario Vargas Llosa em um debate com Octavio Paz realizado no México em 1990.



O controle da imprensa se dava principalmente pela concentração dos meios de comunicação em poucas mãos, pela repressão silenciosa e violenta aos jornalistas que mantinham uma posição desfavorável ao PRI e, finalmente, pela relação de dependência financeira que a imprensa estava submetida, já que o governo premiava os meios favoráveis ao PRI com uma boa quantidade de publicidade oficial.

Segundo Delarbre, no ano 2000, das 1.146 estações de rádio que existiam no México, mais da metade eram propriedade ou afiliadas de apenas nove grupos empresariais. No caso das emissoras de televisão, das 461 estações, 80% eram de propriedade ou afiliadas da Televisa e 13% estavam em poder da TV Azteca. (Delarbre, 2005: 141). Em 1993, o dono da Televisa, Emílio Azcárraga Milmo, havia se tornado um dos 10 homens mais ricos do mundo e chegou a afirmar que a sua emissora era “um soldado do PRI.”⁸. Somente em 2000, com a eleição de Vicente Fox, do Partido da Ação Nacional do México (PAN), o ciclo de hegemonia de poder foi quebrado e as relações entre o PRI e os meios de comunicação começaram a se enfraquecer.

Neste contexto de controle ditatorial das informações, a Internet representou uma saída importante para o movimento zapatista, que se tornou um dos primeiros a usar a rede para divulgar suas causas, buscar o apoio da sociedade civil e estabelecer uma rede de solidariedade internacional. Na época da primeira aparição pública do EZLN, em 1º de janeiro de 1994, a Internet se limitava a listas de discussão, e-mails e repositórios de arquivos FTP. A rede começava a ganhar popularidade e a maioria das empresas de comunicação não possuía versões digitais. O primeiro jornal *on-line* da história havia sido lançado nos EUA apenas sete meses antes da insurreição⁹.

A habilidade do subcomandante Marcos como comunicador, a capacidade do EZLN de se manter na mídia e a rápida proliferação de sites sobre o conflito contribuíram para que as comunidades insurgentes difundissem de forma eficiente suas reivindicações. Marcos foi chamado de “super-herói ciberativista” e o então chanceler mexicano, José Angel Gúrría, chegou a classificar o conflito como uma guerra de papel e Internet, ignorando as centenas de mortes ocorridas durante o levante armado.

No entanto, o site oficial do EZLN só surgiu, de fato, no final de 1996, no endereço <www.ezln.org>. Até então, os zapatistas usavam a Internet de forma indireta. Os comunicados oficiais eram endereçados aos jornais mexicanos La Jornada e El

⁸ Informação retirada do jornal El Mundo do dia 18 de abril de 1997, na coluna de opinião de Victor de la Serna e disponível na página <http://www.elmundo.es/1997/04/18/opinion/18N0016.html>.

⁹ Em maio de 1993, o jornal americano San Jose Mercury inaugurou sua versão *on-line* e entrou para a história como o primeiro jornal na rede.



Financeiro, à revista semanal *Processo*, ao jornal local *San Cristoban Tiempo* e, genericamente, à imprensa nacional e internacional. A partir daí, simpatizantes e ONGs divulgavam os comunicados voluntariamente em listas de discussão e via e-mails.

O sítio mais popular era o *Ya Basta*, criado pelo universitário norte-americano Justin Paulson. A página apresentava notícias de jornais impressos e eletrônicos em quatro idiomas e informações sobre como entrar em contato com o presidente do México e suas embaixadas em todo o mundo. Paulson chegou a oferecer meios para que os usuários das redes pudessem mandar e-mails que chegassem até as mãos do EZLN.

O caráter inovador do ativismo feito pela Internet causou curiosidade não só em pesquisadores da área de comunicação e política, mas também nos usuários da rede. Na área de respostas às dúvidas frequentes do sítio *Ya basta* constava a seguinte afirmação:

A crise em Chiapas não vai ser resolvida no ciberespaço; no entanto, a Internet pode ser uma poderosa ferramenta para o ativismo e para a disseminação de informação (Morello, 2007: 64).

Esse foi o embrião do ciberativismo do EZLN. Desde o início do levante, era visível a preocupação dos zapatistas em estabelecer um canal de comunicação alternativo, o que pode ser melhor compreendido com a explicação do subcomandante Marcos, porta-voz do EZLN, em entrevista à Yvon Le Bot.

Para nós a estratégia de Salinas de Gortari dentro do neoliberalismo era construir uma campanha de publicidade, apresentando no exterior um país estável, um bom produto que estava vendendo. Se nós conseguíssemos afetar essa campanha publicitária, iríamos conseguir duas coisas: demonstrar o que realmente estava se passando, o que este projeto político, econômico, significava para este país, para os indígenas; mas ademais, iríamos conseguir que o México olhasse a sua parte indígena e se desse conta de que estava esquecendo de uma parte dele. Era uma guerra contra o esquecimento. (Le Bot, 1995: 212-213).

A busca de uma sociedade em rede

Os zapatistas, ao mesmo tempo em que reclamavam os direitos indígenas, contextualizavam a sua luta dentro do ambiente de exclusão social aprofundada pelo modelo neoliberal, se afinando com o discurso dos novos movimentos de esquerda. Essa empatia foi fundamental para a formação da rede de solidariedade que auxiliou no diálogo entre os insurgentes, a imprensa, a sociedade e organismos internacionais. Daí, em abril de 1996, quando o EZLN organizou o Primeiro Encontro Intercontinental pela



Humanidade e contra o Neoliberalismo, chamado também de “Encontro Intergaláctico”, houve a participação de 5 mil pessoas de 42 países.

Líderes de movimentos pela reforma agrária, feministas, sindicalistas, ecologistas, intelectuais e dirigentes políticos de diversos países participaram das mesas de debate. Segundo o subcomandante Marcos, o encontro pretendia estabelecer uma unidade que superasse fronteiras e congregasse idiomas, etnias, culturas, gêneros, estratégias e pensamentos (Ortiz, 1997: 238). Ao final do encontro, foi aprovada a Segunda Declaração pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, que ressaltava a importância da formação de uma Rede Intercontinental de Resistência.

Pela humanidade, declaramos: (...) Que faremos uma rede de comunicação entre todas as nossas lutas e resistências. Uma rede intercontinental de resistência, de comunicação alternativa contra o neoliberalismo e pela humanidade. Esta rede buscará os canais para que a palavra caminhe pelos caminhos que resistem. Será o meio para que se comuniquem entre si as distintas resistências. Esta rede não é uma estrutura organizativa, não tem centro diretor nem decisório, nem comando central ou hierarquias. A rede somos todos os que falamos e escutamos. (www.ezln.com)

Emir Sader destaca que o movimento zapatista foi o primeiro movimento localizado a fazer um apelo internacional por uma resistência coordenada ao neoliberalismo (Sader, 2005: 44). Naquele momento, o EZLN ainda não possuía um sítio para disponibilizar diretamente os seus comunicados na Internet e dependia de voluntários, que traduziam e divulgavam esses materiais na rede. Mas o segundo e terceiro encontros “Intergalácticos” que aconteceram em 1997, em Barcelona, e em 1999, em Belém, no Brasil, já possuíam os seus próprios sítios.

Para Michael Löwy, os encontros “Intergalácticos” foram um passo para a reconstrução de uma nova solidariedade internacional, uma espécie de herdeira ideológica do internacionalismo proletário. (Löwy, 1989: 23). Um dos fatores novos era a atitude de reconstruir uma solidariedade internacional por meio de articulação e interação de diversas lutas de resistência, baseada no reconhecimento das diferenças e na conjunção de objetivos comuns. Sader também fala desta consciência de princípios universais que permitam à humanidade se reconhecer como totalidade com iguais direitos na mais completa diversidade (Sader, 2005:14).

Assim, após a fase inicial, o movimento zapatista se esforçou não só em organizar comunidades como também em buscar apoios sociais. Em 1996, mesmo ano em que governo e zapatistas firmaram os chamados Acordos de San Andrés sobre Direitos e Culturas Indígenas, o EZLN faz um chamado oficial para a construção da



Frente Zapatista de Libertação Nacional – FZLN, que se formaria a partir de comitês civis de diálogo. Essas unidades teriam o objetivo de organizar as demandas sociais do movimento e buscar a solução local dos problemas coletivos sem a intervenção do Estado (Figueiredo, 2003: 253). A frente buscava, assim, apoio social uma vez que os Acordos de San Andrés não saíam do papel, o que acabou levando o EZLN a suspender o diálogo com o governo em setembro do mesmo ano em que foram firmados.

Seis meses depois da convocação à formação do FZLN, já haviam se formado cerca de 400 comitês civis locais em todo o País, com cerca de 5.000 ativistas (Condearena, 1997: 210-222). Daí, em 1997, foi realizada a marcha motorizada dos 1.111 zapatistas até a cidade do México para a fundação da Frente. Foi neste ano, também, que aconteceu o II Encontro Intercontinental pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, na Espanha, a partir de comitês internacionais de apoio. Entretanto, apesar dos esforços nesta construção de uma estrutura em rede, a utilização da Internet como alternativa midiática passava a ter uma importância cada vez mais reduzida no movimento, entre outros motivos, devido ao extremo isolamento das comunidades indígenas, sem acesso aos recursos tecnológicos digitais.

A crise da comunicação zapatista

O braço civil do EZLN durou quase 10 anos até ser extinto, em novembro de 2005, para ser substituído por uma nova organização, formada por pessoas "expressamente convidadas", que deveriam cumprir com rigor os princípios zapatistas. Contudo, essa formação nunca foi estabelecida. A iniciativa de convocação aberta tinha trazido dificuldades para o movimento. No documento em que explicava o fim da organização, o subcomandante Marcos afirmou que pessoas usaram a FZLN para ganhar força em rivalidades pessoais e lutas inúteis.

Poucos meses antes, em julho de 2005, já havia sido lançada, contudo, a Sexta Declaração da Selva Lacandona, anunciando que uma caravana zapatista iria percorrer o México para ouvir as demandas populares. Era a primeira fase da chamada A Outra Campanha, que aconteceria paralelamente à campanha presidencial. O subcomandante Marcos foi o primeiro a aderir e passou a ser chamado de “delegado Zero”. Foi lançada, ainda, em escala mundial, a “Sexta Internacional” <www.zetztainternacional.org> buscando reunir apoios internacionais. (Ortiz, 2006, 15).



O impacto desta convocação, entretanto, foi bem menor. Além disso, boa parte da esquerda mexicana que simpatizava com o movimento ficou ressentida com o fato do EZLN ter ficado indiferente às eleições e não ter apoiado o candidato do PRD, López Obrador. A crise envolve, ainda, a reativação de grupos paramilitares e o aumento de bases militares permanentes próximas às comunidades zapatistas, que agora chegam a 56, segundo denúncias do Centro de Análises Políticas e Investigações Sociais e Econômicas-CAPISE, associação civil que investiga a situação dos povos indígenas.

Outro problema que tem agravado a atual crise do movimento é o fato de que a imprensa já não tem dado tanto espaço aos problemas em Chiapas. Durante ensaio fotográfico inédito para o número de dezembro de 2007 da revista latino-americana Gatopardo, o subcomandante Marcos admitiu que a Outra Campanha não está alcançando os efeitos desejados, afirmou que o EZLN vive um período de indecisão tão grande quanto o que precedeu o levante armado de 1994, de forma invertida, pois o governo é que estaria preparando o ataque, e desabafou: “passamos de moda” (ver <www.cortedecaja.org/prensa.php?imagen=gatopardo01.jpg>). A frase se contrapõe à sua famosa declaração frente a um milhão de pessoas que se mobilizaram em frente ao Palácio Nacional para exigir o cumprimento dos Acordos de San Andrés, em 2001, quando afirmou: “Não somos a moda passageira que faz barulho e depois se arquiva no calendário de derrotas que esse país mostra com nostalgia. Não seremos.”

A ruptura com o PRD, os longos períodos de silêncio, discordâncias políticas com o ETA, em 2002, e um “alerta vermelho” considerado sem motivo, em 2005, foram alguns dos fatores que abalaram a rede de apoio zapatista e, em certa medida, a capacidade do EZLN de atrair a imprensa. Mas, apesar de Marcos dizer que passou de moda, a revista Gatopardo com a matéria chamada “Retrato Radical”, que continha seu ensaio fotográfico, foi, ainda assim, a mais vendida da história da publicação.

As ameaças à atividade jornalística no México também aprofundam o problema. Do dia 20 a 25 de abril de 2008, onze organizações de defesa da imprensa livre, como o International Press Institute (IPI), o International Media Support (IMS), dos Repórteres Sem Fronteiras (RSF), o Artigo 19, a Sociedade Inter-Americana da Imprensa (SIP) e a Associação Mexicana de Rádios Comunitárias (AMARC) investigaram a crescente situação de violência para jornalistas no país. Segundo o estudo, pelo menos 24 profissionais dos meios de comunicação foram mortos desde 2000, existem 8 desaparecidos e dezenas sofreram represálias em razão de seu trabalho. A maioria dos casos resultou em impunidade, criando assim, um ambiente de auto-censura e



disseminação do silêncio. Os principais obstáculos observados eram o crime organizado, a corrupção e falhas do Estado em prover proteção para jornalistas.

A Internet se mantém, assim, como uma alternativa importante para o movimento. Além do site da Sexta Internacional, o EZLN tem seu endereço oficial <www.ezln.org> com vídeos, áudios de encontros, notícias, violações de direitos, andamento de processos, e até mesmo um espaço para a comercialização de produtos com o intuito de arrear fundos para os territórios zapatistas (“Caracoles”).

Existem, ainda, sítios específicos dos encontros realizados, da rádio <www.radioinsurgente.org>, para divulgação dos comunicados zapatistas <palabra.ezln.org.mx/>, da revista Rebeldia <www.revistarebeldia.org/> e da revista Chiapas <www.ezln.org/revistachiapas/>. Contudo, os três últimos estão desatualizados. A revista Rebeldia só está disponível até outubro de 2006, o site da Revista Chiapas teve a sua última atualização em 19 de setembro de 2005 e o documento mais recente do site dedicado à palavra zapatista data de novembro de 2003. Todos são marcados pela desorganização.

A novidade na esfera do ciberativismo zapatista é o sítio do grupo Europa Zapatista <www.europazapatista.org>, criado com o objetivo de funcionar como plataforma que coordene uma reação de massa na Europa em solidariedade às comunidades. O grupo reúne várias alianças de apoio ao EZLN, funcionando como uma rede de redes. O sítio oferece uma boa plataforma em termos de organização, característica relevante frente ao excesso de informações sobre o Zapatismo na Internet.

As notícias do Europa Zapatista são subdivididas em três seções. A primeira enfoca o movimento no México, a partir da versão online do jornal La Jornada <www.jornada.unam.mx> e do sítio oficial do EZLN. Contudo, o sítio europeu apresenta as notícias em um padrão esteticamente mais leve e de forma mais organizada que o site zapatista. A segunda seção aponta as mobilizações que ocorrem na Europa ou a partir da Europa. Na terceira, cada um dos países europeus tem um espaço específico para suas mobilizações, porém alguns, como os da Bélgica, Dinamarca, Noruega, Suíça e Turquia, ainda não tinham sido utilizados até maio de 2008.

Desde abril de 2008, o Grupo Europa Zapatista iniciou a Campanha Européia de Solidariedade com a Autonomia Zapatista e contra a Guerra em Chiapas, que tem como um dos principais objetivos ativar uma reação coordenada e massiva de protesto, debates, denúncia, pressão e reivindicação durante todo o ano. O sítio fornece a agenda dessas manifestações, material gráfico e notícias, inclusive via e-mail.



Um ponto limitador é a falta de ferramentas de tradução. Existem textos em várias línguas, a maioria em espanhol, sem um critério de apresentação. Além disso, não existe um espaço para que o usuário envie comentários ou para publicação livre de textos, vídeos, áudios e imagens. As possibilidades hipermídia também são restritas, pois praticamente só existem textos e imagens. Ao final de cada notícia, existe um espaço dedicado a agregar imagens e documentos, mas raramente é utilizado. No menu principal do sítio há um *link* chamado multimídia, mas ao clicar, o usuário é redirecionado para a página inicial.

Considerações finais

Frente à questão colocada no início deste trabalho, ou seja, “como os ciberativistas iberoamericanos podem utilizar as possibilidades da linguagem hipermídia no atual contexto de intensos reordenamentos tecnológicos e sociais”, apresentamos três hipóteses que serão, agora, colocadas face ao que foi pesquisado. Em relação à primeira, ou seja, de que o ciberativismo iberoamericano apresenta a tendência de articular os diversos códigos que compõem a linguagem hipermídia no sentido da construção de plataformas imersivas, isto não tem sido constatado no caso do Zapatismo. Ao contrário, apesar de um início promissor, mesmo que sobre a base de simpatizantes, quando chamou atenção de todo o mundo para o movimento por meio da rede, o Zapatismo não investiu nas possibilidades deste novo meio de comunicação em toda a extensão permitida por seu caráter multicódigos. O site Europa Zapatista é uma aposta neste sentido e pode reverter o quadro na medida em que consiga desenvolver ambientes imersivos, que constituem, hoje, o tipo de plataforma mais sofisticada em termos da hipermídia (Pimenta, 2007: 178-9).

Em relação à segunda hipótese, de que o ciberativismo iberoamericano utiliza a comunicação intermediada por computadores como estímulo para relacionamentos existenciais no espaço urbano e não como plataforma para interações de caráter meramente digital, pode-se dizer o mesmo. Ou seja, isto ocorreu no início e aparece apenas como uma promessa do novo site europeu. Os dois fenômenos estão inter-relacionados, uma vez que o estímulo para relacionamentos existenciais depende de uma plataforma sênica bem desenvolvida. Outro ponto que conspira contra esta hipótese, neste caso, é o extremo isolamento em que se encontram as comunidades



zapatistas, com acesso restrito à tecnologia digital e sem a cultura que fundamenta sua utilização, já apontado acima.

E, finalmente, em relação à terceira hipótese, de que a organização em redes por parte dos ciberativistas iberoamericanos amplia a autoconsciência de seus processos sógnicos, predispondo a mudanças de hábitos de sentimento, de ação e do pensamento, só se pode dizer que, se isto ocorreu, foi somente no início, e em pequena escala. De acordo com nossos estudos anteriores (Pimenta, 2007: 183-4), a autoconsciência dos processos sógnicos e, daí, a mudança de hábitos, é uma situação bastante excepcional decorrente do envolvimento da mente interpretadora com intermediações semióticas sofisticadas, sustentadas em plataformas multicódigos e com fortes relacionamentos com o contexto existencial representado.

Portanto, frente à crise que atinge o movimento, as comunicações digitais em rede ainda se colocam como alternativa importante para o Zapatismo e apresentam-se como recurso para superar o crescente isolamento midiático que tanto preocupa o porta-voz da insurgência, o subcomandante Marcos.



Referências bibliográficas

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro; Oliveira, Arioaldo Umbelino - Orgs. (2002A) **Chiapas, Construindo a Esperança**. Rio: Paz e Terra.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro (2002B) **As Raízes do Fenômeno Chiapas. O já basta da resistência zapatista**. São Paulo: Alfarrabio.

CONDEARENA, Luis (1997) **Chiapas: el despertar de la esperanza**. San Sebastián: Tercera Prensa.

DELARBRE, Raúl (2005) **Medios: el nuevo poder ante el Estado mexicano**. Disponível em: http://raulrejo.tripod.com/Mediosensayos/Elnuevopoderreal_libroCIESAS_2005.htm. Acesso em 23/05/2008.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de (2003) **“A Guerra é o Espetáculo: Origens e Transformações da Estratégia do EZLN”**: Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp.

KLEIN, Naomi (2003) **Cercas e Janelas**. Rio: Record

LE BOT, Yvon. (1995) **La Gerra en Tierras Mayas**. México D.F: Fondo de Cultura Econômica.

_____ (1997) **O Sonho Zapatista**. Lisboa: Edições ASA.

MONTEMAYOR, Carlos (1997) **Chiapas: La rebelión indígena de México**. México, DF: Ed. Joaquin Mortiz.

Morello, Henry James. **“E-(re)volution: Zapatistas and the Emancipatory Internet.”** In: A Contracorriente. Vol. 4, No. 2. Winter 2007.

ORTIZ, Pedro (1997) **Zapatistas On-Line**. Tese de Mestrado. São Paulo: ECA USP.

_____ (2006) **Zapatistas: a velocidade do sonho**. Brasília: Entrelivros - Thesaurus

PIMENTA, Francisco J. Paoliello (2006) **Hipermídia e Ativismo Global**. Rio: Sotese.

_____ (2007) **“Pragmatismo: referência epistemológica para ciberativistas?”** In FERREIRA, JAIRO (Org). Cenários, Teorias e Epistemologias da Comunicação. Rio: E-Papers, 2007.

SADER, Emir (2005) **Os Porquês da Desordem Mundial**. Rio: Record